

4

Conceito e Acontecimento: A reinvenção da paisagem e dos limites da arquitetura no campo ampliado contemporâneo

Aspiramos neste estudo à **complexidade**, ao conhecimento multidimensional dos processos contemporâneos que relacionam arte, arquitetura e paisagem. Tentando respeitar as diversas dimensões deste fenômeno, nosso esforço acabou se constituindo um grande volume de análises, em virtude da diferença de abordagens que encontramos, ou seja, dos processos poéticos singulares que, por seu caráter também complexo, entrelaçados a outras disciplinas, multiplicaram ainda mais nosso universo de estudo.

Porque justamente o **campo ampliado contemporâneo** está em processo, também o nosso processo, envolvendo pesquisa e esforço reflexivo, foi sempre uma tentativa não de reduzir, não enquadrar, não sintetizar, mas sim definir um caráter exploratório não considerando os conceitos como fechados.

Partindo da noção de **complexidade**, que pressupõe o questionamento de uma definição única, entendemos a paisagem como multidimensional e a exploramos a partir de diferentes experiências poéticas arte-paisagem, as quais nomeamos: *Paisagens-Imagem*, *Paisagens-Quiasma*, *Paisagens Intersticiais e Paisagens-Acontecimento*. Percebemos como constitutiva aos trabalhos a relação entre arte e vida, um atravessamento de estímulos tanto da esfera dos fenômenos quanto daquela dos discursos.

Deste modo, este estudo constitui-se de abordagens de arte/arquitetura muito diversas as quais nomeamos **poéticas da complexidade**, termo que descreve os trabalhos como parte de processos da multiplicidade e da diversidade, que aceitam os paradoxos, as contradições e vitalidades da contemporaneidade na proposição de ações que reinventam a paisagem. Não mais restrita aos preceitos da “arte pela arte”, a prática artística contemporânea é co-partícipe de um campo cultural ampliado, um dispositivo no qual, ao mesmo tempo, é afetada e produz efeitos.

A tese afirma que dois movimentos estão em processo: a aventura da reinvenção da paisagem como campo ativo – imagético, fenomênico, discursivo e

performático, e reinvenção dos *mediums* artísticos a partir de poéticas diferenciais que assumem a complexidade contemporânea.

Neste amplo e diferencial universo de trabalhos, **conceito** e **acontecimento** são dois parâmetros que definem grande parte das poéticas que buscaram a abertura aos fenômenos, a criação de situações, mundos diferenciais, heterotopias, lugares-entre, lugares eventuais, ou seja, os **lugares contemporâneos**.

A primeira hipótese de nossa tese é o movimento da arquitetura no chamado campo ampliado contemporâneo, em que os *mediums* se disseminam, possibilitando um tipo de atuação de modo mais experimental e aberto ao diálogo, seja com outras disciplinas artísticas, seja, com outros campos de conhecimento e de produção de discursos. Assim, entendemos como característica própria à abordagem epistemológica contemporânea o fato de uma disciplina se expandir ou problematizar sua própria definição teórica e seu conjunto de práticas, os seus próprios limites, voltando-se para fora de si com o objetivo de promover um retorno crítico. Daí depreende-se o conceito de um outro tipo de “autonomia”, uma autonomia que reconhece seu entrelaçamento com outros campos da produção humana.

Podemos afirmar que os arquitetos contemporâneos têm se lançado à experimentação de outros *mediums*, pois referências à pintura, escultura, cinema, literatura, teatro, *performance* e filosofia aparecem e transparecem em seus discursos e práticas.

Neste sentido, a reinvenção da arquitetura, traduzida tanto em debates teóricos como em experimentalismos práticos, advém de caminhos exploratórios individuais, pois cada arquiteto busca sua própria definição do que seja fazer arquitetura no contexto atual.

Eis uma questão que é própria da complexidade: não há como definir, a não ser como múltiplo, o *medium* da arquitetura na contemporaneidade, ou seja, não há como definir *um* modo reflexivo e operativo, não há como extrair de tão diferentes poéticas uma síntese historiográfica.

Há sim, a possibilidade crítica de problematizar como tão diferentes posturas se situam diante de um mesmo tema. Em nossa tese, o ponto de discussão é **a relação entre arte, arquitetura e paisagem**.

Na tentativa de encontrar ressonâncias entre os trabalhos de artistas e arquitetos, percebemos nos processos contemporâneos da arquitetura um movimento de autocrítica e abertura ao experimentalismo das artes em que despontam críticas ao formalismo, à representação da noção de estabilidade e ao funcionalismo. Tanto em arte como em arquitetura são valorizados: a noção de processo, a abordagem conceitual, discursiva e ficcional da arte, a exploração da experiência fenomênica e espaço-temporal como atualidade, a abertura ao campo dos acontecimentos e a exploração da *performance*.

Em nossa reflexão, estabelecemos uma conexão entre a redefinição tschumiana dos **limites da arquitetura** - o **concebido**, o **percebido** e o **vivenciado** – e a hipótese da redefinição da arquitetura como *medium*, pensando especialmente em como a arquitetura teria incorporado em seu discurso e em sua prática as reflexões das artes, após os anos 1960, como uma espécie de crítica transversal.

Do ponto de vista do **concebido**, podemos apontar dois questionamentos quanto à revisão da linguagem arquitetônica. Um diz respeito à sua dimensão plástico-formal, definindo, no campo ampliado contemporâneo, a possibilidade de incorporação de estratégias conceituais, possivelmente abertas ao acontecimento, e mesmo a negação da própria forma. O outro, na esfera do entendimento da linguagem arquitetônica como um conjunto de signos passíveis de serem apropriados e re-significados em função da relação que estabelecem em seu campo cultural imediato. Em ambos os casos, *venustas*, a beleza, não mais define a arquitetura que, portanto, se liberta dos critérios de harmonia, proporção e racionalidade do clássico aproximando-se de noções como o *readymade*, o informe, a escrita. Como analisamos em *Paisagens Imagem*, o figurativo é aceito e os resultados plásticos deslocam o papel do sujeito de criador de formas para o de agente que, manipulando a relação entre signos e contexto, multiplica, transforma, e critica uma paisagem. Em *Paisagens Quiasma*, vimos o questionamento dos processos de idealização formal, no Minimalismo, e o entrelaçamento entre ideia e fenômeno sensível. Já em *Paisagens Intersticiais*, é a subversão da ordem dos discursos que aproxima a questão da linguagem do problema conceitual, explorando o ficcional e redefinindo os *processos*, quando também se enfatiza o debate com a filosofia. Finalmente, em *Paisagens Acontecimento*, o concebido, em muitos casos, ganha uma abrangência coletiva, o

socius ganha importância como agente criador, deslocando o papel do artista/arquiteto que passa a ser um proponente de situações ou de processos abertos à indeterminação. Além disso, neste capítulo, percebemos o desejo de experimentação por parte da arquitetura de outras linguagens, como a literatura e cinema, além do questionamento da ordem e da racionalidade, através do recurso à *folie* e ao delírio.

Quanto ao **percebido**, a ênfase na questão fenomênica como acontecimento, seja a partir das forças naturais e da materialidade, ou na forma dinâmica como desdobramento de um fluxo em transformação, questiona a *firmitas* e seu parâmetro de estabilidade clássico. A experiência nos trabalhos é entendida como processo que se dá no presente, no tempo e no espaço reais, e é aberta ao acontecimento. Em especial, vimos que isto se traduz em uma preocupação fenomenológica - com o espaço como concretude, em sua relação sensível com os materiais e fenômenos naturais como a luz – além da mobilização da experiência do corpo como integralidade, sugerindo também o descentramento e a instabilidade. Em *Paisagens Quiasma*, estas relações foram vistas de modo mais evidente, explorando o sentido de intempestivo e de duração. Também neste capítulo, analisamos o caráter de uma arquitetura entre a forma e a anti-forma, e de uma “arquitetura líquida” ligada aos fluxos contemporâneos, subvertendo os limites entre interior e exterior, através de espaços “dobrados” que mobilizam, diferencialmente, a experiência do corpo-no-espaço e no tempo, desestabilizando os pressupostos cognitivos da arquitetura pautada nos valores da razão e da composição.

Finalmente, o **vivenciado** critica o fundamento de *commoditas* ou *utilitas*, que condiciona a definição dos espaços à predefinição de seus usos. É através da *performance* e da introdução do caráter de acontecimento/evento, imprevisibilidade, que vimos a possibilidade de um entendimento mais amplo da questão de programa. Mas não só isso, o vivenciado também sugere a participação individual e coletiva, influenciando a apropriação dos espaços, definindo também uma postura crítica, até mesmo política, traduzindo o questionamento a um *status quo* institucionalizado e reivindicando a liberdade como modo de ação que transgride as definições rígidas do funcionalismo e dos discursos de poder. É o que observamos, especialmente, em *Paisagens Acontecimento*.

É importante destacar o significado de se discutir o estatuto do *medium* da arquitetura, após mais de 2000 anos, questionando uma definição que foi historicamente naturalizada – talvez pela imposição de uma ideologia clássica. Como bem observou Peter Eisenman, a arquitetura moderna, embora tenha explorado a estética abstrata, não deixou de representar a razão, a história e a função. É claro que não podemos afirmar que todos os arquitetos assumem o radicalismo de Eisenman; diferencialmente, cada qual busca mais ou menos a tensão de determinados paradigmas. O fato é que estamos vivenciando uma grande transformação, em função do caráter experimental e, sobretudo, reflexivo do presente, potencializando uma abertura muito grande das possibilidades da arquitetura. Esta é uma aventura instigante, mas que talvez também implique em riscos como a espetacularização, a hiperreflexividade, uma demasiada ênfase no conceito.

Como segunda hipótese da tese, buscamos entender o **lugar contemporâneo**, revendo criticamente a própria relação com o moderno, na perspectiva da relação com o contexto, como resultado de práticas nem nostálgicas, nem utópicas, mas que não excluem a relação com o passado e com o futuro. Se o romantismo historicista não se sustenta diante da factual dinâmica de transformação da paisagem contemporânea, também ruiu a postura de defesa do progresso futuro com base em instrumentos racionais e objetivos. A questão, como vimos, é que a paisagem contemporânea é um palimpsesto de temporalidades, um campo de diferenças e de singularidades, locais e de grupos particulares, e é também um campo onde atuam as forças da globalização. Assim, nossa questão foi como pensar a especificidade, sem recair na nostalgia ou no pastiche, ao mesmo tempo, retomando criticamente a modernidade.

Neste sentido, estudamos as ações artísticas de cunho mais experimental, após os anos 1960, que declaradamente se referenciaram às posturas de vanguarda, para encontrar caminhos de reflexão sobre a arquitetura na contemporaneidade e, voltamo-nos especialmente aos trabalhos *site specific*, para definir um outro tipo de postura contextual, complexa, crítica ao sentido de permanência do passado como origem a ser recuperada no presente.

Ao longo de nossas análises, percebemos conceito e acontecimento como ideias-chave em muitos dos trabalhos.

A estratégia **conceitual** em relação ao contexto pode ser observada na incorporação de elementos, signos, da própria paisagem cultural demonstrando um caráter de ironia, humor e recurso ao ficcional. O conceito também aparece como um modo de releitura do existente como um campo estratificado, em que múltiplas camadas de significado, inclusive as marginais, vêm à tona a partir da livre associação de ideias, escritas e temporalidades.

Já a exploração do caráter de **acontecimento** é encontrada nos trabalhos exploram o fenomenológico, as transformações dos fenômenos sensíveis e também os fluxos paisagem. Aceito como parte dos processos da vida, o acontecimento se une ao conceitual, especialmente no trabalho de Eisenman, como um modo de subverter o processo projetual, deslocando o papel do autor, considerando tanto a indeterminação e o devir como partícipes das operações que incluem referenciais do sítio. Parte da dinâmica cultural contemporânea, especialmente do dispositivo-metrópole, o acontecimento também se traduz no caráter de imprevisibilidade que desafia os desejos de controle e ordem por parte do projetista. Aceitar o devir, o delírio e o caos nos processos de transformação da paisagem é repensar os termos em que arte e paisagem se relacionam, não mais na perspectiva redentora dos sonhos utópicos da modernidade, mas com uma perspectiva experiencial, um olhar de dentro, de uma modernidade metropolitana multiplicada e conflituosa. Finalmente, o acontecimento participa do caráter eventual de trabalhos ligados à *performance*, em sua proposta de transgressão das apropriações institucionalizadas e da definição ortodoxa dos usos dos espaços.

As *poéticas da complexidade* instauram o **lugar contemporâneo**, através de posturas dialógicas e críticas, nem nostálgicas, nem utópicas: enfim, afirmam o presente como uma instância sempre móvel, viva, em transformação, como um campo de deslocamentos. Neste sentido, entendemos que, nos trabalhos analisados, a esfera da significação decorre da leitura dos signos no presente; o fenômeno e a experiência são tomados como presentidade, *presentness*; uma escrita é, no presente, evidência indicial e intertextual, ao mesmo tempo, do passado e do futuro; e a *performance* social redefine continuamente as ações e eventos da paisagem.

O **lugar contemporâneo** como uma categoria aberta, inclusiva, nos possibilitou analisar um espectro de trabalhos que, justamente por suas diferenças, ratificam que pensar o contextual é uma questão complexa. Ou seja, não há um único caminho a fazê-lo, pois há muitas complexidades possíveis. Daí, tratarmos os trabalhos como poéticas da complexidade ou, seria melhor dizer, poéticas das complexidades.

Seria justamente o caráter complexo, diverso e multiplicado, da paisagem contemporânea - da qual participam forças dinâmicas, estruturas sociais, políticas, econômicas e estratégicas - que teria provocado a busca de novos caminhos para arte/arquitetura, uma vez que os padrões tradicionais impossibilitariam a exploração de um caráter crítico. Em especial, porque é a prática que mais flerta com o poder, a arquitetura vive um dilema: qual o seu campo de possibilidades, como não renunciar a uma atuação em que algo de liberdade seja possível, mesmo diante de estruturas das quais ela, inevitavelmente, depende.

As *poéticas da complexidade* entrelaçam-se com a vida em sua imprevisibilidade, em sua diversidade, incorporando, também de modo crítico, suas imagens, fluxos e discursos. São poéticas que primam por manter a ambiguidade, a tensão e, muitas vezes, o conflito para, justamente, expor a paisagem em suas diferenças e discursos múltiplos, e em seu caráter de devir.

A paisagem contemporânea constitui um desafio à arte que a ela se lança, pois para atuar em complexidade, seus próprios modos de atuação, reflexivos e práticos, devem ser constantemente reinventados.

*